

## ANEXOS

N.º 15

SERVIÇO DE ENCOMENDAS  
DO  
"SUPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS"  
DO "SEculo"  
SOB A DIREÇÃO  
DE M.<sup>NE</sup> CARVALHO

N.º 690

Pedese o favor de citar na res-  
posta o n.º da nossa carta.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1915

Telef. 2088

✱


Exm<sup>a</sup> Snr<sup>a</sup>  
D. Mariana Espanca  
Posta "estante"  
Redondo - Alemtejo

Gostosamente daremos a V.Ex<sup>a</sup> a nossa  
opinião sobre os seus versos, pois que é sempre  
com jubilo que constatamos as faculdades de inspi-  
ração de uma alma delicada de poetisa. V.Ex<sup>a</sup> deve  
proseguir na sua produção poetica porque possui  
um belo sentimento lirico e uma forma literaria e  
encantadora de simplicidade.

Na poesia "o Teu olhar" deve substi-  
tuir a palavra **fatal** de exagerada acepção para  
o caso, pela palavra **ideal**. A denominada Poetas  
esta integralmente perfeita.

Sempre ás suas ordens e somos,

De V.Ex<sup>a</sup>  
Atta e Vdra  
M.<sup>me</sup> Carvalho



N







## LIVRO DE MÁGUAS

el Poeta, y, solo el Poeta, con el don sagrado de su adivinación, podrá comprender y traducir lo que en el grande aire exquisto, cargado de cóctidos intrumentales y de perlas sinfónicas le dice el alma desolada abandonada y al exhalar-se en ondas divulgadoras, por sobre el vasto campo hacia la Suprema Belleza.

(«Libre Estética»)

VARIAS VÍZ.

São d'este livro, vindo á luz ha poucos mezes, os tres sonetos que em justo lugar he publicamos.

E nosso desejo era transcrever todos os admiraveis sonetos desse precioso livro, onde crepita a alma viva do sentimento, onde floresce uma imaginação que vive a dentro do mundo espiritual lutando por atingir a Belleza maxima.

Floribela Espanca é uma Poetiza. E é uma Poetiza, porque sente, porque vive a dentro dos seus versos.

Nós não a conhecemos, mas lendo o seu livro, lemos a sua alma, desvendamos o mysterio que a agita e a convulsiona n'um agonia pungente e deliciosa, que lhe revela mundo de sonho e de encantamento.

*Livro de Maguas* missal de amargura que a nossa alma comprehende, sente e partilha, subindo n'uma ascensão maravilhosa, em que suavissimos canticos nos envolvem.

Já por mais de uma vez o lemos d'lo. Poeta não é apenas aquelle que faz versos; Poeta é aquelle que os sente, que os comprehende, que acalentando os no seio da sua alma, consegue dar-nos uma noção de Belleza, ainda que minima. E um traço de Belleza fica sempre do esforço que, cada artista, faz por atingir a Perfeição.

Podéramos chamar á lembrança nomes de Poetas consagrados a que possessemos comparar a nova Poetiza. Mas qué! Seria justo fazê-lo?

Floribela Espanca não precisa de comparações, que só poderiam enfraquecer o seu justo valor, e não as precisa, não deve tê-las porque tem a sua maneira especial, o seu sentido intimo, que não deve renegar, nem sujeitar a formas ou escolas.

Floribela Espanca não verseja, retrata a sua Dor e a sua Dor é aquelle que nos acompanha desde o despontar da existencia, talvez a Saudade da Outra Vida, d'aquella que condensa a Suprema Perfeição.

O que é o seu «Livro de Maguas» d'lo claramente, deliciosamente o soneto impecavel, que é o portico desse magestoso templo de Amor e Saudade:

«Este livro é de maguas, designações  
«Que no mundo passam, chorae ao leito  
«Somente a vossa dor de Torturados  
«Fede talvez, sentido... e comprehendê-lo...

«Este livro é pra vós, Abençoado  
«Os que o sentirem, sem ser boni nem beio  
«Bella de tristes... O Desventurados  
«Que a vossa imensa dor se acalme ao lê-lo!

«Livro de Maguas... Dóres... Ansiedades!  
«Livro de Sentira... Névoas... e Saudades,  
«Vae pelo mundo... (Transe-o no meu voto...)

«Irmãos na Dor, os olhos razos de agua,  
«Chorae comigo a minha imensa máguas,  
«Lendo o meu livro só de máguas cheio!

E é que a nossa alma sente um refrigerio extranho ao escutar os lamentos dessa Alma Torturada, e sonha, e delicia-se n'um prazer que se não descreve.

Biblia de amor, o *Livro de Maguas* é um livro de *Portuguezia*, em que se reflecte a melancholia, característica da raça.

Bem haja a illustre e delicada auctora pelo infinito prazer espirital que nos proporcionou ao lê-lo.

Janeiro, 20 MCMXX

GASTÃO DE BETTENCOURT

N10/21

Mariana Ingleza Lospanca

Com nome de Deus Amen. Eu Mariana do Carmo Ingleza Lospanca, Casada e de idade \_\_\_\_\_ annos.

Natural de Villa Rica. Filha legitima de João do Carmo Ingleza e de Joanna do Carmo Mourão, sem ascendentes nem descendentes, livre de toda e qualquer coação, estando com saúde em meu juizo, entendimento, Faço o meu testamento pela forma seguinte. Em primeiro lugar decho que sou Catholica Romana que prestes to morrer na mesma religião. Justifico unica herdeira de todos os meus bens direitos e accões minha afillhada Horbella Palma da Conceição Lospanca de maior idade.

Quero o meu enterro relegiozo, Deixo 50 missas pela minha alma e pela alma de meu Pa e de minha Mãe e de minha Madrinhã, de ermola de 240 cada uma.

Quero que se diga 5 missas no dia da meu falecimento, a Anjo da guarda, o Cantico canção de Genas, o ponta do meu nome, mais uma missa a Igreja de Conceição, de ermola de 240 cada. Nada deixo o meu affilho Lospanca, sempre me dirá eu nada perisso, tudo para minha irmã que é brã.

Por esta forma dou por concluido este meu testamento e de claracão da minha ultima vontade, pelo qual rezojo os mais que tenho feito.

Li por mim escripto e vai ser por mim arrigado.

Mariana do Carmo Ingleza Lospanca.





DIARIO DE LISBOA

SONETOS

# LIVRO

DE

## “SÓROR SAUDADE”

POR FLORBELA ESPANCA

### «Sóror Saudade»

Irmã, Sóror Saudade me chamáste...  
E na minh'alma o nome eliminou-se  
Como um vitral ao sol, como se fôsse  
A luz do proprio sonho que sonháste.

Numa tarde de outono o murmuráste;  
Toda a mágua do outono ele me trouxe;  
Jamais me não de chamar outro mais doce:  
Com ele bem mais triste me tornáste...

E baixinho, na alma da minh'alma,  
Como benção de sol que afaga e acalma,  
Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fossem pétalas caindo,  
Digo as palavras desse nome lindo  
Que tu me déste: «Irmã, Sóror Saudade»...

### O nosso livro

Livro do meu amor, do teu amor,  
Livro do nosso amor, do nosso peito...  
Abre-lhe as folhas devagar, com geito,  
Como se fossem pétalas de flor.

Oha que eu outro já não sei compor  
Mais santamente triste, mais perfeito.  
Não estolhes os lirios com que é feito  
Que outros não tenho em meu jardim de  
dôr!

Livro de mais ninguém! Só meu! Só teu!  
Num sorriso tu dizes e digo eu:  
Versos só nossos mas que lindos sôis!

Ah, meu Amor! Mas quanta, quanta gente  
Dirá, fechando o livro docemente:  
«Versos só nossos, só de nós os dois!»...

### Os versos que te fiz

Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que a minha boca tem p'ra te dizer!  
São talhados em mármore de Páros  
Cinzelados por mim p'ra te oferecer.

Tem dolencias de veludos cáros,  
São como sedas pálidas a arder...  
Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que foram feitos p'ra te endoecer!

Mas, meu Amor, eu não t'os digo ainda...  
Que a boca da mulher é sempre linda  
Se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...  
E nesse beijo, Amor, que eu te não dei  
Guardo os versos mais lindos que te fiz!

### Inconstancia

Procurei o amor, que me mentiu  
Pedi a Vida mais do que ela dava;  
Eterna sonhadora edificava  
Mgu castelo de luz que me caiu!

Tanto clarão nas trevas refulgiu,  
E tanto beijo a boca me quismava!  
E era o sol que os longes deslumbrava  
Igual a tanto sol que me fugiu!

Passai a vida a amar e a esquecer...  
Atraz do sol dum dia outro a esquecer  
As brumas dos atalhos por onde ando...

E este amor que assim me vai fugindo  
E' igual a outro amor que vai surgindo,  
Que ha de partir tambgm... nem eu sei  
quando...

### Odio?

Odio por ele? Não... Se o amei tanto,  
Se tanto bem lhe quiz no meu passado,  
Se o encontrei depois de o ter sonhado,  
Se a vida assim roubel todo o encanto...

Que importa se mentiu? E se hoje o pranto  
Turva o meu triste olhar, marmorizado,  
Olhar de monja, tragico, gelado  
Como um soturno e enorme Campo Santo!

Ah! nunca mais amá-lo é já bastante!  
Quero senti-lo d'outra, bem distante,  
Como se fóra meu, calma e serena!

Odio seria em mim saudade infinda,  
Mágua de o ter perdido, amor ainda.  
Odio por ele? Não... não vale a pena...

### A vida

E' vão o amor, o odio, ou o desgém;  
Inutil o desejo e o sentimento...  
Lançar um grande amor aos pés d'alguem  
O mesmo é que lançar flores ao vento!

Todos somos no mundo «Pedro Sem»,  
Uma alegria é feita dum tormento,  
Um riso é sempre o eco dum lamento,  
Sabe-se lá um beijo d'onde vem!

A mais nobre ilusão morre... desfaz-se...  
Uma saudade morta em nós renasce  
Que no mesmo momento é já perdida...

Amar-te a vida inteira eu não podia.  
A gente esquece sempre o bem dum dia.  
Que queres, meu Amor, se é isto a Vida!...

parisienses, cheias de malícia, de ironia e de graça, caracteristicamente gaulesa as escritas por Mme. Rachilde e de nervosismo, de energica acentuação dramática, as devidas á pena de ~~Henri~~ ~~Cristo~~ Filho. Salienta-se nestas últimas um capítulo quasi alucinante, que Edgard Põe desejaria ter escrito, em que o seu autor pôs todo o vigor e todo o brilhante colorido do seu estilo. É um volume que se lê com o maior interesse e que de certo ha-de despertar entre nós um agrado igual ao que mereceu em Paris.

**«LIVRO DE SOROR SAUDADE»**—Versos por Flórbela Espanca.

Um dia Americo Durão chamou á autora destes sonetos: «A Irmã Soror Saudade». Gostou ella desse nome, que considerou ajustado á sua psicologia e por isso deu o nome de «Livro de Soror Saudade» á sua nova collecção de poesias.

Em poucas épocas a literatura portugueza tem sido tão rica de poetisas de formosa inspiração como aquella que atravessamos. A's que ha mais tempo nos deram as primicias do seu talento e se chamam Maria de Carvalho, Mafalda Mousinho de Albuquerque (Ruben de Lara), Branca de Gonta, Domitília de Carvalho e tantas outras que, em todas as literaturas e em todos os tempos, seriam consideradas astros de primeira grandeza, vieram depois juntar-se Virginia Vitorino, Beatriz Delgado, Olinde Gonçalves, Olívia Gomes e muitas mais e já despontam duas novas estrelas de intensissimo brilho, filhas de dois grandes artistas e que se chamam Maria Leonor Reis e Mafalda de Castro.

Flórbela Espanca enfileira-se sem desdouro no lado dessas magicas do verso. A sua lira é cheia de sentimento e emoção. Pode ainda ter um ou outro defeito na technica, mas resgata-os generosamente pela largueza da inspiração, sensibilidade verdadeiramente feminina e sinceridade com que descreve os melhores impulsos da sua alma. Os seus sonetos, porque foi sempre nesta forma que escreveu as composições que constituem o «Livro de Soror Saudade», têm todos eles um pensamento elevado e traduzem, sem excepção, uma ideia nobre e cheia de ternura. Leiam o que ella denomina «Saudades»:

Saudades! Sim... talvez... e porque não?...  
Se o nosso sonho foi tão alto e forte  
Que bem pensara vê-lo até á morte  
Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!  
Que tudo isso, Amor, nos não importe  
Se ele deixou beleza que conforto  
Deve-nos ser sagrado como o pão!

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,  
Para mais doidamente me lembrar.  
Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fosse sempre assim:  
Quanto menos quisesse recordar  
Mais a saudade andasse presa a mim!

Quem escreve poesias como esta, merece bem o nome duma autentica poetisa!

**A INDEPENDENCIA DO BRASIL**, de Rocha



abertura e declaração de princípios. O exame de cada livro lhes tirará a aparente dureza, pois nem a todos se aplicam, no mesmo grau, se bem que quasi nenhum é isento de censuras. Deixemos para o fim um d'elles, que outra pecha nos oferece em vez do monstoso lyrismo amoroso.

N10/27  
LIVRO DE «SOROR SAUDADE»,  
por Florbela Espanca.

Diz o dictado que n'uma senhora nem com uma flôr se bate. E se o seu nome é Florbela (não pseudonymo), quem terá a coragem da rudeza?

Todavia, quando a inspiração feminina pingra o encapelado mar da publicidade, não pôde estranhar que a salpique a bagagem da critica; não se deve confundir esta com a louveminha, nem lhe é licito capitular perante o dever de dizer a verdade salutar, mau grado o travar amargo.

Logo no primeiro soneto nos impressiona a musica do verso heroico, fluído como o murmuro fio de agua serpenteando mansamente entre flôres. Senão, ajuizem os leitores pelo primeiro soneto consagrado ao poeta Americo Durão, que em sentida quadra chismou a poetisa de Soror Saudade:

*Irmã, Soror Saudade me chamaste...  
E na minh'alma o nome iluminou-se  
Como um vitral ao sol, como se fosse  
A luz do proprio sonho que sonhaste.*

*N'uma tarde de outono o murmuraste;  
Toda a magua do outono ele me trouxe;  
Jamais me hão de chamar outro mais  
doce;  
Com ele bem mais triste me tornaste...*

*E boicinho na alma da minha alma,  
Como benção do sol que afaga e acalma,  
Nas horas más de febre e de ansiedade,  
Como se fossem petalas caindo,  
Digo as palavras d'esse nome lundo  
Que tu me deste: «Irmã, Soror Saudade»...*

Não vamos longe sem se nos deparar um certo inconscientemente blasphemio nas hyperboles amorosas, fazendo do amante um idolo:

*E olhos postos em tí, digo de rastros:  
Ah! Podem voar mundos, morrer astros,  
Que tu és como Deus: Principio e fim!...*

De rastros?! Atitude d'escrava de haerem, que não de mulher christal Principio e fim um misero ser creado, que outra creatura divinisa?

Que admira, que noutra soneto, O meu mal se devancie um absurdo evolucionismo pantheista?

*Tu sei que fui a renda de um vitral,  
Que fui cipreste e caravela e dor!  
Fui tudo o que no mundo ha de maior;  
Fui cisne e lirio e agua e cathedral!  
E fui talvez um verso de Nerval,  
Ou um cinco riso de Chàmfort...*


Iguara phantasia! Nada d'isso foi. O que o vê-se; uma alma ignorante dos seus altos destinos.

Lá o confessa nas Caravelas:

*Cheguei a meio da vida já cansada,  
De tanto caminhar! Já me perdi!  
Dum estranho país que nunca vi  
Sou neste mundo imenso a exilada.*

*Tanto tenho aprendido e não sei nada.*

Assim é, infelizmente. Não descobriu o thesouro escondido do Evangelho, nem soube escolher a melhor parte que não lhe seria tirada. Por isso alardeia a sua incredulidade, antecedente logico do espirito pagão e sensual, que se manifesta com tantos sonetos.



Até amanhã. Que tortura. Que delicia. Dá cá um beijo. Some-te d'aqui para fora.

Algumas ha que dizem estas coisas bem, com muita correcção, com o seu pósinho de emoção, interessando o leitor, mesmo que elle não seja o feliz preferido. Eu, por exemplo, que ha um tempo a esta parte me vejo forçado a fazer estes fretes de levar cartas aos namorados.

O livro da sr.<sup>a</sup> D. Florbellca é a revelação d'um bello temperamento poetico. Nem todos os seus sonetos attingem a perfeição mas alguns ha que satisfazem plenamente.

Eu bebo a Vida, a Vida, a longos tragos

Como um divino vinho de Falerno!  
Poisando em ti o meu olhar eterno  
Como poisam as folhas sobre os lagos...

Os meus sonhos agora são mais vagos...

O teu olhar em mim, hoje, é mais terno...

E a Vida já não é o rubro inferno  
Todo fantasmas tristes e presagos

A vida, meu Amor, quero viver-a!  
Na mesma faça erguida em tuas mãos,  
Boccas unidas hemos de beber-a!

Que importa o mundo e as illusões defuntas?

Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?

O mundo, Amor!... As nossas boccas juntas!...

Este é dos bons e vale um poema.

Um pleoio 2... Joaquim Co...



# LIVROS E PUBLICAÇÕES

N.º 10/31  
 «LIVRO DE MAGUAS». — Com este título, tão triste para quem vive ainda em plena mocidade, *Tenho vinte e tres annos! Sou valentinha!* acaba a sr.ª D. Florbela E. canca de publicar um livro de versos que é um verdadeiro mimo. Pázes, bem poucas são as poetisas portuguezas que merecem ser lidas, porque, em geral, não fogem aos versos banhos que toda a gente faz. Se excetarmos as nomes de Maria de Carvalho, da Virgínia Vilhano, de Brenes de G. L. e de Domítila de Carvalho, as mulheres da nossa terra não se cõrman poetisas de grande valor. Um nome temos de juntar agora aos que se têm apontados — o da autora d'este livro. Vem hesitante ainda, mas, sendo este o seu primeiro livro, n'ele se revela já uma verdadeira artista, trabalhando magnificamente o soneto e imprimindo nos seus versos toda a ternura, todo o sentimento de uma alma de mulher. Tem inspiração e tem talento. Escreve versos simples e n'ele se mostra bem feminina, traduzindo com ardor, com vibração e com carinho todas as suas alegrias e tristezas, os seus sonhos e as suas deluões, deixando, por vezes, a' um soneto uma obra prima. Gostaríamos de transcrever alguma e em primeiro lugar o se que folheou «Amiga», de uma tão grande beleza, tão apaixonado e tão doce. Limitamo-nos, porém, a saudar a nova poetisa que chega e que com o seu primeiro livro nasce dignamente o seu lugar.

síssimo, riquíssimo vocabulário!

N'este livro, como em todos os que o precederam, o grande mestre da prosa dá-nos páginas soberbas, de uma riqueza inesgotável de phantasia ao serviço de luminosos conceitos.

*4/10/27*  
**Livro de «Sóror Saudade»,**  
 por Florbélia Espanca. Ed.  
 da auctora. Lisboa, 1922.

Outra poetisa. O contingente das senhoras cresce dia a dia. Sejam sempre bemvindas quando, como esta, saibam versejar.

Mas, meu Deus, todas fazem sonetos. O soneto e a saia curta estão na moda. O peor é que todas ferem a mesma tecla, dizem a mesma coisa. O teu amor já me não serve. Vae-te embora. Vem depressa. Não posso passar sem ti. Ah! tens as tuas cartas. Porque não me escreves? Nunca mais.

**COLYSEU DO**

HOJE - A's 21 horas (9 h)  
 O maior e mais extraordinário  
 tem regista



# VERSOS DE MULHERES

N.º 30

## O "LIVRO DE SOROR SAUDADE"

A sr.<sup>a</sup> D. Florbela Espanca confirma inteiramente neste seu novo livro de versos as raras e brilhantes qualidades que a critica lhe apontou a quando da sua formosíssima estreia no mundo das letras. Em boa verdade, não se pode ser mais artista do que nos sonetos que constituem o *Livro de Soror Saudade*, delicioso ramilhete de flores tristes, rescendendo de aromas, qual delas o mais doce e brando.

É um livro de ternura e de bondade, um pouco doloroso, talvez, impregnado de uma tristeza de renuncia que como vê, mas, no entanto, palpitante de lirismo, falando do amor e da graça, de sonhos e de maguas, em versos de uma rara perfeição, que o ouvido acolhe elevado na musica que contem o que ficam na memoria, como o murmuro de um veu de agua ou o ciclo de uma reza.

D'entre os muitos sonetos que desejaríamos transcrever, e que fazem deste livro um encantador poema cuja leitura se repete, destacamos o seguinte, intitulado *O meu mal*:

Eu tenho sido em mim, sei-me de cor,  
Eu sei o nome ao meu estranho mal:  
Eu sei que fui a tenda dum vitral,  
Que fui cipreste e caravela e dori

Fui tudo que no mundo ha de maior;  
Fui flor e lirio e agua e cathedra  
E fui, talvez, um verso de Nerval,  
Ou um cinico riso de Chamfort.

Fui a heraldica flor de agrestes cardos,  
Deram as minhas mãos aroma aos narros,  
Den cor' ao ejoandro a minha boca.

Ahi de Beasain fui lagrima na Espanha!  
E foi de lá que eu trouxe esta ancia estranha!  
Magua não sei de que! Saudade louca!

São inumeros os sonetos em que vibra esta estranha nota de emoção e em que se sente perpassar aquelle sopro de espiritualidade que torna a poesia portugueza a mais bella do mundo.

"Tudo no mundo é fragil, tudo passa."  
Quando me dizem isto, toda a graça  
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastrós:  
"Ahi Podem voar mundos, morrer astros,  
Que tu és como Deus: Principio e Fim!"

O *Livro de Soror Saudade* vem dizer-nos que a literatura portugueza conta mais uma admiravel poetisa, litteralmente senhora já dos segredos da sua arte. Elas não são muitas, as verdadeiras artistas do verso, embora sejam em grande numero as que o cultivam. A sr.<sup>a</sup> D. Florbela Espanca marca, porém, sem favor, o seu lugar entre as melhores e com isso sinceramente nos regosijamos.



# O sr. A. de A. e as poetisas portuguesas

A «Ilustração Portuguesa» de sábado passado (sábado gordo, por sinal!) revela na sua crítica literária a pag. 190 o nome da sr.<sup>a</sup> D. Virginia Vitorino como fonte de inexgotável poder de moderna poesia feminina. Assina o escrito o sr. A. de A. E estas são as suas palavras:

«Depois que Virginia Vitorino se revelou com os «Namorados» uma das mais perfeitas poetisas do amor, cultivando magistralmente o soneto, logo uma chusma de inspiradas meninas começou dedilhando a lira...»

Como afirmação de Carnaval, sábado gordo, está bem! Mas o contrario também está certo. E assim antes do aparecimento da sr.<sup>a</sup> D. Virginia Vitorino já existia a mesma chusma de inspiradas meninas, a mesma chusma de que a citada poetisa fez parte e na qual ficaria rolando, como as outras se os deuses um dos quais o sr. A. de A., não tivessem deliberado que aquilo é que era bom, que assim é que se devia fazer poesia, e que a sr.<sup>a</sup> D. Virginia Vitorino devia trepar ás culminancias maximas, aureolada, extatica, multiplicando-se e reproduzindo-se em edições.

Mas a que proposito escreveu o sr. A. de A. estas palavras?

Escreveu-as ao fazer a critica do novo livro da Poetisa Florbela Espanca «Livro de Soror Saudade». E é nisto exactamente que está o espantoso desta critica, apenas compreensivel por ter saído em sábado gordo: — Para que o «Livro de Soror Saudade» pudesse ter sido uma realidade foi preciso que apparecesse primeiramente o «Namorados». Eis a ideia que o sr. A. de A. patenteia como se depreende do que já transcrevi e mais ainda deste outro pedaço de prosa:

«Se nos seus versos não ha uma originalidade que nos assombre, porque eles se resentem de influencias, e a maior é a da poesia dos «Namorados...»

Oh! pasmo! De duas uma: ou isto é ignorancia ou então não passa duma protecção que á força de ser exageradamente exercida deve mesmo humilhar á autora dos «Namorados».

E digo ignorancia porque em junho de 1919 foi publicado o primeiro livro de Florbela Espanca, cuja forma literaria era absolutamente a mesma do que ha dias appareceu. E então ainda os «Namorados» não tinham saído a publico, ainda Virginia Vitorino não era «a grande poetisa da actualidade».

Ignorava o sr. A. de A. este facto? Decerto que o desconhecia. E se esta ignorancia se compreende visto que se não pode obrigar ninguem a conhecer tudo, não se desculpa a um critico literario que na sua cátedra, empunhando a tesoura, vai, quem sabe se com o intuito de elevar uma, de mente leve minorando o valor das outras sem sequer se preocupar com a averiguação da verdade que possa existir nas afirmações que faz.

Isto é sintomatico e envolve em si uma tristeza enorme. Revela o espirito critico da época. Porque, Florbela

Espanca sofreu influencias? Sem duvida. O sr. A. de A. é que as não soube achar.

Como difficilmente responderá a estas tres perguntas:

— Quaes as razões que elevam a obra de Virginia Vitorino acima da obra de Florbela Espanca?

— Qual delas sofre de uma mais pronunciada influencia?

— Tendo todo o poeta, como artista, uma missão a cumprir qual delas se aproxima mais dessa missão?

Como o sr. A. de A. está vindo proponho-lhe uma agradável conversa sobre assuntos de Arte. Eu, pelo menos, só terei a ganhar com ella. E prometo faz-la levantadamente como devem ser tratados assuntos de Arte.

E agora, para fechar por hoje, o seguinte declaração por causa das máis línguas:

Conheço muito superficialmente a sr.<sup>a</sup> E. Virginia Vitorino. Estou em quasi identicas circumstancias com a sr.<sup>a</sup> D. Florbela Espanca. Para o caso presente não me interessa conhecê-las.

E finalmente, sr. A. de A. sou todo ouvido.

B. DE C.

## Arte

### Exposição Alberto de Sousa

Está bem ali, nas ruínas historicas do Carmo, a exposição de aguarelas de Alberto de Sousa. Na feira de quadros que vão enchendo este inverno e em que, raramente aqui e ali, apparece uma obra apreciavel, as aguarelas de Alberto de Sousa continuam a confirmar o renome de que justamente goza o illustre pintor. Como de costume prefere os aspectos puramente portuguezes e, assim, vemos agora, nas paredes do Carmo, trochos, recantos, costumes de Tomar, Coimbra, Viana do Castelo, Vila da Feira, Montemor-o-Velho, Espinho, Figueira da Foz, Vizeu e Cintra. Em todos elles a tecnica é perfeita e as cores esplendidamente combinadas. Os n.<sup>os</sup> 4 e 8, respectivamente Igreja de S. João e «O Castelo visto do rio Nabão», em Tomar, são admiraveis pela sua concepção; o primeiro tem uma figuração — do mais difficil em pintura — que, por parecer perder o aspecto da verdade, pode considerar-se uma obra prima.

Os quadros de Coimbra merecem referencia especial. E do melhor que temos admirado em arte regional e mesmo dentro da obra de Alberto de Sousa. Deve destacar-se o n.<sup>o</sup> 15, «Torre da Sé Velha, vista do terraço da Imprensa», em que se distingue ao longe um trecho da cidade, verdadeira maravilha, sobretudo pela luz, tanto mais que, as aguceladas da cidade do Mondego, pecam ás vezes por uma exuberancia de claridade. O n.<sup>o</sup> 18, «Efeito de Luar (Sub-Ripas)» é simplesmente belo.

De todos os quadros, porém, que os nossos olhos enternecidamente admiraram, o n.<sup>o</sup> 53, «Noveiro na prata do peixe», é simplesmente extraordinario. Não ha nêlé só um trabalho de pincel; ha um trabalho de alma. Só um grande artista pode fazer aquillo. Não precisava Alberto de Sousa desta prova, mas apraz-nos a nós registá-la.





